

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
HS 814 HISTÓRIAS E TEORIAS DA ANTROPOLOGIA (I)
PRIMEIRO SEMESTRE DE 1997
SEGUNDAS FEIRAS À TARDE
MARIZA CORRÊA

Trataremos, neste semestre, de discutir o paradoxo lembrado por Anne-Christine Taylor: “Em que condições é legítimo isolar um objeto como o ‘americanismo tropical’? Este tipo de questão possibilita, de saída, explicitar um paradoxo. Todos os pesquisadores de campo sabem que o critério geográfico é determinante da maneira pela qual eles abordam ou constroem uma problemática. Entretanto, se reconhecemos - no meio profissional e em tom de brincadeira - um ‘estilo’ particular do trabalho e da personalidade dos etnólogos em função do lugar no qual eles realizam suas pesquisas, os possíveis efeitos dessas diferenças de abordagem, num nível propriamente científico, são em geral negligenciados ou ocultados e não afetam o postulado, sob muitos aspectos fictício, da homogeneidade teórica e conceitual da etnologia.” (L’américanisme tropical, une frontière fossile de l’ethnologie?, em B.Rupp-Eisenreich, ed., **Histoires de l’anthropologie**, Paris, Klincksieck, 1984)

Hoje os antropólogos estão por quase todas as partes mas, não obstante, foi a partir da constituição de um rico acervo de questões pertinentes a determinadas sociedades, em determinadas regiões, que nossa linguagem e nossas teorias se conformaram.

Alimentado pelos estilos de se fazer antropologia, isto é, pelas questões pertinentes às várias tradições nacionais da nossa disciplina, o diálogo entre os relatos de certas peculiaridades regionais e as questões suscitadas pela sua análise nos grupos de pesquisa antropológica **at home** tem sido preterido na discussão das histórias da disciplina em favor de uma abordagem seja dessas tradições nacionais quando já estabelecidas (particularmente a britânica, a francesa e a norte-americana), seja dos **ismos** que daí podem ser derivados (especialmente o funcionalismo, o culturalismo e o estruturalismo).

Tal diálogo é muito antigo e, constantemente renovado, poderia ser perseguido em vários continentes, tomando como ponto de partida a constituição de certos campos do saber tanto na antropologia como em disciplinas suas vizinhas: o americanismo, o africanismo, o oceanismo, o orientalismo... Nosso empreendimento será mais modesto: inquirir como determinadas questões emergiram em determinados contextos e contribuíram, seja para influenciar durante muito tempo pesquisas feitas em outros contextos (por exemplo, como o “discreto charme da descendência”, como o chamou Louis Dumont, ponto forte das pesquisas dos africanistas ingleses, influenciou durante anos as pesquisas sobre parentesco em outros lugares), seja para contestar modelos estabelecidos (por exemplo, como as pesquisas feitas na Melanésia desembocaram numa crítica às representações de gênero na antropologia ocidental).

Se os antropólogos trazem para a sua cultura nativa ecos da cultura dos nativos que estudaram, modificando seu léxico, será mesmo um paradoxo que levem esses ecos para suas análises de outras culturas? Quando o particular se torna universal, deve ser recolocado em seu **lugar** para deixar de ser visto como tal?

A proposta é trabalharmos neste semestre com duas regiões quase paradigmáticas da nossa história - a África e a Oceania - e uma terceira emergente - a Amazônia.

Dedicaremos quatro semanas a cada uma delas: tres semanas à discussão geral e uma semana a um seminário a ser apresentado pelos estudantes. A avaliação será baseada nas discussões, nos seminários, e numa resenha sobre um texto citado, mas não discutido, em cada tópico, a ser entregue a cada quatro semanas.

Março

3

Apresentação e discussão do programa

10

Introdução: "A gentle deconstruction"

M. Strathern, **The gender of the gift - problems with women and problems with society in Melanesia**, Berkeley, L.A., Londres, Un. of Cal. Press, 1990 (Prefácio e caps. 1, 2 e 3)

M. Corrêa, O espartilho de minha avó, mimeo, Campinas, 1996

17

T.Gerholm e U. Hannerz, Introduction: the shaping of national anthropologies, **Ethnos** 1/2, 1982

A.Appadurai, Theory in Anthropology: center and periphery, **Compar.Stud. Soc.& Hist.**, 28 (2), 1986

-----, Putting hierarchy in its place, **Cultural Anthropology**, 3(1), 1988

M.Strathern, Commentary: concrete topographies, id.

24

(I) "Contra o etnógrafo, o melanésio de tal ou qual ilha"

T.Hays, "The New Guinea Highlands" - region, culture area, or fuzzy set?, **Current Anthropology** 34 (2), 1993

N.Thomas, The force of ethnology - origins and significance of the Melanesia/Polynesia division, **Current Anthropology** 30 (1) e 30 (2), 1989

31

Situações coloniais (1)

I.Bashkow, The dynamics of rapport in a colonial situation: David Scheider's fieldwork on the islands of Yap, in G.Stocking, ed., **Colonial situations** (HOA, vol.7), Madison, The University of Wisconsin Press, 1991

Abril

7

J.Carrier, *Occidentalism: the world turned upside down*, **AE** 19 (2), 1992

A.Weiner, *Inalienable wealth*, **AE** 12 (2), 1985

J.Parry, **The gift**, the indian gift and "the indian gift", **Man** 21 (3), 1986

P.Bourdieu, *Marginália. Algumas notas adicionais sobre o dom*, **Mana** 2 (2), 1996

14

Seminário: A Weiner, **The trobrianders of Papua New Guinea**, N.Y. Holt,

Rinehart and Winston, 1988 e **Women of value, men of renown - new**

perspectives on Trobriand exchange, Austin & London, Un. Of Texas Press, 1976

M.Strathern, *Culture in a netbag: the manufacture of a subdiscipline in Anthropology*,

Man 16 (4), 1981

21

Situações coloniais (2)

T.Ranger, *A invenção da tradição na África colonial*, in E.Hobsbawm e

T.Ranger(eds.), **A invenção das tradições**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984

H.Kuklick, *The colonial exchange*, in **The savage within - the social history of British Anthropology, 1885-1945**, Cambridge, Cambridge Un.Press, 1991

28

(II) A Dogon symphony...

J.Clifford, *Power and dialogue in ethnography* em G. Stocking, ed., **Observers observed, essays on ethnographic fieldwork** (HOA, vol.1), Madison, The Wisconsin Un.Press, 1983

-----, *On ethnographic surrealism*, **Compar.Stud.Soc.& Hist.** 23 (4), 1981

Maio

5

M.Douglas, If the Dogon... em **Implicit meanings, essays in anthropology**, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1984

A.I.Richards, African systems of thought: an anglo-french dialogue, **Man** 2 (2), 1967

A.Kuper, Lineage theory: a critical retrospect, **Ann. Rev. Anthropol.** (11), 1982

12

Seminário: A.I.Richards, **Chisungu, a girl's initiation ceremony among the Bemba of Northern Rhodesia**, Londres, Faber & Faber, 1956.

M.Strathern, Audrey Isabel Richards, 1899-1984, **Proceedings of the British Academy**, 82, Oxford Un.Press, 1993

J.Gladstone, Audrey I. Richards (1899-1984): africanist and humanist, em S. Ardener, ed., **Persons and powers of women in diverse cultures**, Oxford, Berg 1992

19

Situações coloniais (3)

M.L. Pratt, **Imperial eyes - travel writing and transculturation**, Londres & N.Y., Routledge, 1995 (capítulos 7 e 8)

26

(III) Axolotl

A. C.Taylor, L'américanisme tropical, une frontière fossile de l'ethnologie?

Ph.Descola e A.C.Taylor, Introduction, **L'Homme** (126-128), 1993

M.Silva, Etnologia na Amazônia: uma visão geral, mimeo, 1997

Junho

2

J. Cortázar, Axolotl, em **Relatos**, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1972

E.V. de Castro, Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio, **Mana** 2 (2), 1996 (veja também Images of nature and society in Amazonian ethnology, **Ann. Rev. of Anthropol.**, 1996)

M. Carneiro da Cunha, Les études Gé, **L'Homme** (126 - 128), 1983

9

Seminário: P. Rivière, **Individual and society in Guiana: a comparative study of amerindian social organization**, Cambridge, Cambridge Un. Press, 1984

Resenha de E.V. de Castro, **AA/85**, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1986

Bibliografia de apoio

A fonte mais importante sobre a história da antropologia é a série de oito volumes organizada por George Stocking, **History of Anthropology**, editada pela Wisconsin University Press desde 1983 (a biblioteca tem os volumes III e IV - veja o sumário dos outros volumes em anexo). Consulte também, de A. Kuper, **Antropólogos e Antropologia**, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1978 e **The invention of primitive society**, Londres e N.Y., Routledge, 1988. E, ainda, P. Mercier, **História da Antropologia**, Rio de Janeiro, Livraria Eldorado, 1974; P. Bonte e Michel Izard, eds., **Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie**, Paris, P.U.F., 1991 e F. Dosse, **História do estruturalismo**, vols. 1 e 2, Campinas, Ed. Ensaio/Ed. da Unicamp, 1994.

Outra fonte importante para nossa discussão são as revistas, particularmente **Oceania** (por exemplo, os números 57 (4), 1987, 60 (4), 1990, 62 (4), 1992 e 66 (3), 1996); **Ethnology** (XXXIV (2/3), 1995), **History and Anthropology**, **Cultural Anthropology**, **Cahiers d'études africaines**, **Africa**, **Man**, **Gradhiva**, além, é claro, dos números especiais citados na bibliografia do curso e nos textos de nosso programa.